



Recentemente li o livro ***Lendas Portuguesas***, um conjunto de lendas recolhidas por Fernanda Frazão. Este tipo de narrativas fascina-me, pois misturam de tal forma o real com a ficção que, muitas vezes, se torna difícil ou mesmo impossível identificar o que faz parte da realidade ou do imaginário. Achei todas as lendas deste livro muito interessantes, mas há uma que recorro de modo especial.

Conta-nos essa lenda que, há muitos anos, existiu uma mulher corpulenta e viva, chamada Brites de Almeida. Nascida em Faro, de uma família pobre e humilde, esta mulher era tão feia e matulona que chegou a fazer-se passar por homem. Desde a infância que se revelou desordeira e destemida, envolvendo-se frequentemente à pancada com a miudagem.

Já adulta, Brites andou por várias localidades e conviveu com vagabundos, almocreves, soldados, frades, pedintes... Aprendeu a esgrimir e a manejar as armas e adquiriu uma vasta fama de valentona.

Certo dia, um soldado propôs-lhe casamento, contudo, ela, antes de tomar uma decisão, impôs-lhe uma condição: um combate entre ambos. Brites ganhou esse combate e o soldado ficou muito ferido, acabando por morrer. A partir desta morte, Brites fugiu para Espanha, com medo da justiça. Porém, na viagem de barco, foi capturada e vendida como escrava. Depois de muito trabalho, conseguiu fugir com a ajuda de outros dois escravos portugueses. No regresso, houve uma tempestade e ela veio parar à praia da Ericeira. Como era procurada pela justiça, para evitar ser apanhada, cortou o cabelo, disfarçou-se de homem e refez a sua vida exercendo o ofício de almocreve. Ao fim de alguns anos, já cansada, aceitou o trabalho de padeira, em Aljubarrota, onde encontrou um homem honesto e calmo,

um lavrador com quem se casou em 14 de agosto de 1385. Nesse mesmo dia, houve uma batalha entre portugueses e castelhanos. Ela ouviu os rumores desse combate, não conseguiu resistir, pegou no que tinha à mão e foi para a luta.

Acabada a batalha e saindo vencedores os portugueses, Brites de Almeida voltou para casa para festejar a vitória, mas ouviu um barulho estranho no interior do edifício e... O que teria ela visto dentro da casa? Como teria reagido?

Rafael dos Santos Rebelo, n.º 24, 5.º A

Ilustração de Anabela Santos, n.º 21, 12.º E